

CAMINHOS DA DOCENCIA: ENTRE DÚVIDAS, ANGUSTIAS E ESPERANÇAS NA FORMAÇÃO INICIAL

Carlos Almeida de Sá ¹
Monica Emanuela Nunes Maia ²

RESUMO

O trabalho propõe uma reflexão sobre a formação inicial na licenciatura buscando compreender que razões e/ou motivos podem ser decisivos para o ingresso na formação de professores. Inspira-se tanto por uma abordagem quantitativa quanto qualitativa, pois busca valorizar o contexto e as experiências dos indivíduos, ao mesmo tempo em que se caracteriza por um delineamento descritivo quanto ao trato com dados adquiridos. Para a realização da mesma, escolhemos enquanto sujeitos a turma do primeiro semestre da licenciatura em História da Universidade Regional do Cariri. Na sequência foram aplicados questionários e posteriormente analisados através de sentidos interpretativos a qual se viu a possibilidade de ordenar três grupos por semelhança de respostas. Os resultados da pesquisa sinalizam a diversidade de significados que o ingresso na licenciatura possibilita, como também o que pode simbolizar o processo formativo inicial. Ademais, as contribuições teóricas de Freire (1996) e Bloch (2001) foram fundamentais, da mesma forma autores como Almeida & Cruz (2010), Pesavento (2005, 2007) e Lüdke & André (1986) foram alguns que se mostraram imprescindíveis para análise e desenvolvimento da presente pesquisa.

Palavras-chave: Formação Inicial, Significados, Licenciatura.

INTRODUÇÃO

Quantos vezes não nos questionamos sobre algumas decisões tomadas? Não nos dá vontade de ir embora ao chegar em um local pretendido e perceber que não era tudo aquilo que imaginávamos? Direcionar esses questionamentos a um lugar de trânsito constante de pessoas como as salas de aula de uma universidade, garantiu elaborar o objetivo fundamental dessa pesquisa: compreender as razões que trouxeram os graduandos do curso de licenciatura em história da Urcar a ingressarem na formação de professores mesmo a frente de tantas expressões negativas sobre a profissão docente.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE, carlinhosweres@gmail.com;

² Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará da Universidade Estadual do Ceará - UECE, monicaemanuelanm@gmail.com;

Essa motivação se constituiu no decorrer da formação acadêmica em meio a um complexo processo de construção de identidade enquanto futuros professores de história junto a turma 2014.2 na Universidade Regional do Cariri (Urca)³. Foi a partir de um processo de convivência singular com esses sujeitos que algumas percepções sobre o ingresso na licenciatura se manifestaram em forma de problematizações.

Por exemplo, em falas proferidas por alguns colegas, exercer a docência nunca foi uma possibilidade frente a outras aspirações profissionais, pessoais e econômicas. Muitos nem chegaram a metade do processo formativo e surgem outras necessidades e oportunidades de emprego, idealizações não concebidas sobre a graduação, mudança de curso, questões familiares e financeiras. A pergunta fundamental para alguns deles era “o que realmente estou fazendo aqui”?

Soma-se a essa questão o confuso contexto de ataque a professores observados em âmbito nacional no percurso da corrida eleitoral para o ano de 2019, que se reverteram em incertezas e desesperanças para o futuro exercício da docência. A problemática inicial a partir dessas vivências foi: até que ponto esses sentimentos poderiam ser compartilhados por outros estudantes do curso?

Com isso, surgiu a necessidade introdutória de apreender outras possíveis representações que alunos iniciantes do curso de Licenciatura em História da Urca carregam consigo ao ingressarem em um curso para o magistério. Para tanto, se fez necessário a aplicação de um questionário com quatro questões pontuais destinadas a estudantes do primeiro semestre letivo 2018.2 (nos horários matutino e noturno) a ser respondido de forma escrita, tendo por motivação os estudos realizados por Almeida & Cruz (2010); Almeida e colaboradores (2005).

O questionário foi pensado na tentativa de adquirir dados qualitativos e quantitativos por meio das respostas desses estudantes. Ao todo foram distribuídas 68 folhas com cinco perguntas a serem respondidas pelos estudantes. A aplicação dos questionários se deu em diferentes momentos por meio de horários disponibilizados por dois professores do curso no período da manhã e da noite durante o mês de abril de 2019. Foram recebidos de volta um total de 48, a quais se constituíram as análises a partir de uma variedade de respostas.⁴

³ A Urca, com sede no município do Crato, na região Sul do Ceará, vem ao longo de mais de trinta anos, formando professores e profissionais para atuar na educação básica e superior das regiões do Cariri cearense e centro sul do estado. Dos 19 cursos ofertados pela universidade (em um total de cinco municípios), 12 são graduações em licenciaturas.

⁴ O número de matrículas nos dois semestres ofertados nos períodos da manhã e noite somam 80 alunos. Os números de folhas entregues correspondem a quantidade de alunos que se encontrava presentes no dia da aplicação do questionário.

Para um auxílio crítico mediante as respostas adquiridas, algumas das contribuições teóricas de Bloch (2001), Freire (1996) e Pesavento (2005, 2007), foram essenciais no processo interpretativo. Tais contribuições se encontram dispostas no decorrer desta pesquisa de forma a elevar o entendimento sobre algumas das respostas apresentadas pelos licenciados participantes no estudo, além de enriquecerem a compreensão diante as problemáticas do trabalho.

INICIALMENTE, CONTRAPOR ALGUNS DADOS

“Só 3,3% dos jovens brasileiros querem ser professores”. Essa porcentagem foi noticiada em telejornais e compartilhada em uma variedade de perfis brasileiros de página de redes sociais. Da mesma forma, alavancou discussões nas cadeiras de Estágio em História entre professores e colegas de turma. A numeração em questão, leva em consideração os dados estudados pelo portal Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede, 2018) advinda das análises de resposta dos estudantes brasileiros — assim como de outros 69 países — sobre o questionamento “Qual profissão você espera ter aos 30 anos de idade?” incluída dentre as questões do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, 2015), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Entre tantas outras “opções mais rentáveis” à docência é representada por esse estudo como uma opção profissional de baixa atratividade se comparada às opções mais lucrativas chegando a retratar um quadro de crise sobre a profissão docente. Em contrapartida, em um âmbito acadêmico, semestre após semestre, ainda se notava uma quantidade significativa de calouros lotarem as salas de aulas dos cursos de licenciaturas da Urca.

Em sentido oposto a pesquisa do Portal Iede, os dados do Censo da Educação Superior de 2016 divulgados pelo Inep/MEC demonstram, por exemplo, que no ano de 2016, entre os 10 maiores cursos em número de matrículas no Brasil, o curso de Pedagogia ocupava a terceira posição desse ranking com 679,286 mil alunos matriculados.⁵

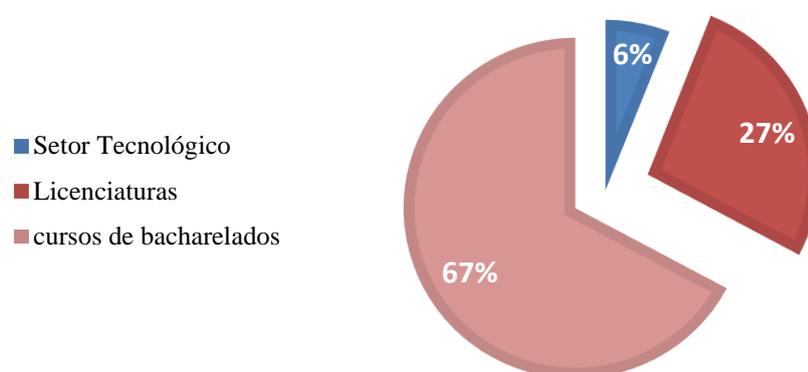
O estudo do Inep/MEC ainda apresenta uma distribuição sobre o percentual de matrículas na graduação entre os países membros da OCDE (2014) em comparação ao Brasil⁶. Enquanto nos primeiros os cursos de Educação representavam 7,4% de matrículas em

⁵ Direito primeira posição com 862,324 mil matriculados seguido pelo curso Administração com 710,984 mil;

⁶ A OCDE é constituída por países membros e não membros e mantém relações de cooperação com mais de 70 países. O Brasil, nos dias que correm, é um não membro. Dentre as atividades realizadas pela OCDE direcionadas à educação, destaca-se a organização e publicação de estatísticas sobre os sistemas educacionais

um total de oito diferentes áreas⁷ (sétima posição); no Brasil esse número chegava a 19%, o que corresponde a segunda área com maior quantidade de matrículas na educação superior. Os cursos ligados as Ciências Sociais, Negócios e Direito representam 37,4% em matrículas, primeiro lugar no ranking nacional quanto nos países membros da OCDE (31,2%). Já no que se refere as matrículas em instituições Federais, de uma forma geral o Inep/ MEC apresenta os seguintes dados:

Figura 1- Distribuição da Matrícula em Cursos de Graduação (Rede Federal)



Fonte: Mec/Inep - quadro recriado pelos autores, 2019.

Se por um lado, os cursos de Educação são evidenciados por alguns estudos como “menos preferíveis”⁸, por outro, levando em consideração os números de matriculados, eles ainda continuam sendo significativamente procurados. Somente na Urca, por exemplo, são ofertadas atualmente um total de 12 graduações em licenciaturas que recebem semestralmente um considerável número de inscrições para realização do processo seletivo.

Ao que se refere ao curso de Licenciatura em História, segundo dados apresentados pela Comissão Executiva de Vestibular da Universidade, em um período de tempo que compreende os anos de 2014 a 2018 o número de inscritos no processo seletivo ao longo de nove semestres retratam uma variação entre 200 e 500 pessoas por semestre que desejavam ocupar as 80 vagas promovidas pela instituição distribuídas entre dois horários.

Porém cabe indagar: é possível traçar análises qualitativas que possam explicar e/ou justificar essa disparidade entre os dados? E sobre os estudantes, quais representações

dos países participantes do bloco, além de coordena programas importantes como o Programa de Indicadores de Sistemas Educativos (INES). (BASTOS, 2015).

⁷ Serviços; Humanidades e Artes; Agricultura e veterinária; Ciências, Matemática e Computação; Engenharia, Produção e construção; Saúde e Bem-estar; Ciências Sociais, Negócios e Direito.

⁸ Outro exemplo é o estudo “A atratividade da carreira docente no Brasil”, da Fundação Victor Civita (FVC) com o Fundação Carlos Chagas (FCC), (2010), conduzido pela professora Bernardete A. Gatti et all. (2010).

possuem sobre o ser professor? O que os trouxeram a licenciatura? Quais expectativas são demonstradas em relação ao início da vida acadêmica?

OS PASSOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, a delimitação do campo de pesquisa aos primeiros semestres do curso de Licenciatura em História da Urca se deu por dois motivos: 1) pela proximidade dos sujeitos com a mesma área e curso de formação 2) pela necessidade de controle e sistemática do planejamento e análise da investigação – sugestão propostas por Lüdke & André (1986), mediante a quantidade de dados que podem vir a surgir no decorrer de um processo investigativo. Nesse sentido, embora não se considere, nesse espaço, um estudo com alunos de outros cursos de licenciatura, a abordagem qualitativa presente nesse texto, pode vir a contribuir com novas experiências em futuros trabalhos.

Dito isso, o segundo passo metodológico volta-se inteiramente para a busca de uma compreensão sobre o que possa representar e significar o início da vida acadêmica para os calouros do curso de história da Urca; futuros professores. Essa intenção se constituiu após uma série de leituras e de seleções bibliográficas para esta pesquisa, essenciais para o melhor entendimento de algumas questões.

Por exemplo, conforme Almeida & Cruz (2010) podem ser vários os sentidos atribuídos por alunos no início de sua jornada universitária. complexo processo de transição para o contexto acadêmico, valores, sentimentos e incertezas se integram a diferentes experiências sócio emocionais. A universidade, na visão desses autores, é constituída como um ambiente ambíguo de estrutura e funcionamentos diferentes das percebidas em outros níveis de ensino, que para além de significar a busca por um futuro profissional pode representar para alguns estudantes

[...] a primeira saída de casa, o afastamento dos pais, familiares e amigos, o confronto com um meio acadêmico bastante desconhecido e com “práxis de entrada” por vezes violenta e pouco promotoras de integração, e o peso da responsabilidade ao ter que gerir de forma autónoma recursos econômicos, as idas às aulas, o tempo de estudo, a carreira ou o tempo passado com os amigos. (ALMEIDA & CRUZ, 2010, p. 430).

Nesse sentido, percebe-se, que, junto ao ingresso na vida acadêmica pode-se desenvolver um conjunto de traços psicológicos, que por meio um processo de adaptação a uma nova realidade contribui para a constituição de novas identidades. Para alguns, essas

mudanças podem ter o sentido de autonomia e liberdade, para outros a transição para vida universitária, em meio as exigências de diversas naturezas, chega a se reverter em conflitos — tais como ansiedade diante a um contexto totalmente novo, ameaças a determinadas crenças, ou em desconfortos emocionais por não representar aquilo que desejavam, por exemplo. (ALMEIDA & CRUZ, 2010).

Nesse complexo quadro de representações ainda se soma o desejado futuro por uma carreira profissional bem-sucedida. Esse desejo se choca com um conjunto de situações que colocam em segundo plano as licenciaturas diante percepções negativas sobre a profissão docente, com as rotinas e padronizações das tarefas atribuídas aos professores, sobrecargas crônicas de trabalho, baixos salários entre outras.

Partindo dessas observações, foi realizado um estudo de campo com alunos do primeiro semestre letivo 2018.2 do curso de história da Urca sobre as representações e motivações experimentadas no início na graduação, especificamente as razões que os fazem entrar em curso de licenciatura. Para atingir esse objetivo, foi elaborado um questionário levando em consideração o consenso proposto por Almeida e colaboradores (2005), referente ao perfil dos estudantes iniciantes na graduação: tímidos no ambiente universitário e reclusos a determinadas ações.

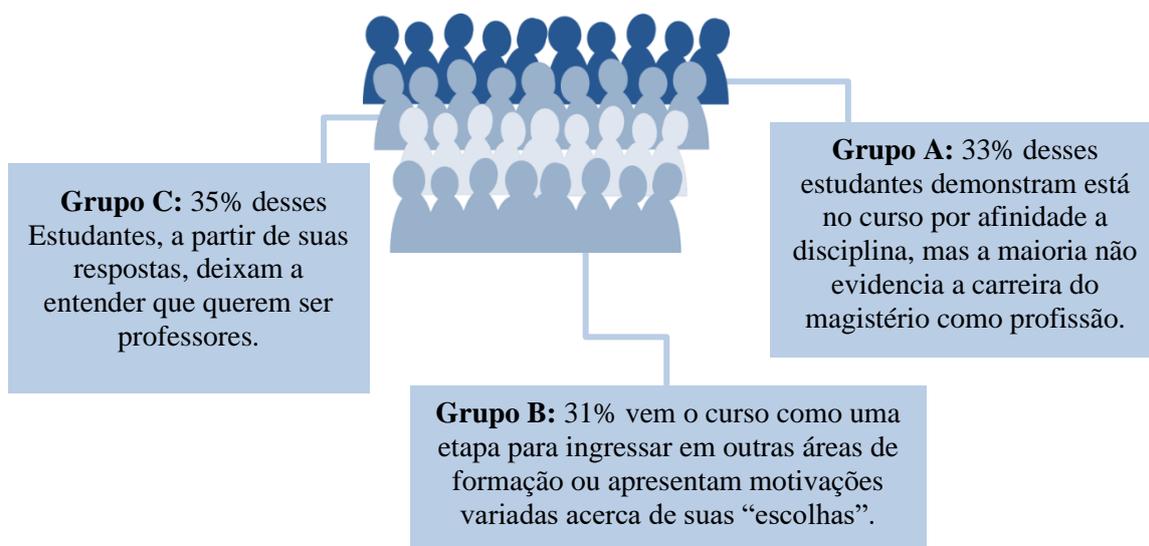
Consciente dessas atribuições e chegada a hora de aplicar o questionário, foi feita uma mediação em forma de conversa, sobre o porquê do estudo, a necessidade de sua realização e a importância da prática de pesquisa na vida de um professor em formação. Além disso, outros assuntos sobre a vida na universidade, como viagens, festas e eventos vieram a surgir no decorrer da conversa, tudo pensado para garantir um entrosamento com os calouros. A maioria deles respondeu as questões propostas. Três estudantes entregaram todas as questões em branco.

Após a coleta do material, foi analisado e traçado pontos em comum entre as respostas apresentadas, o que proporcionou uma separação dessas de acordo com as afinidades e semelhanças apresentadas e perspectivas no ingresso na academia. Como já esperado a maior parte desses graduandos (41 no total) estudaram todo o ensino básico na rede pública de ensino. Menos da metade diz querer seguir a profissão docente.

Inicialmente duas das perguntas dirigidas a esses estudantes serviram como recurso para traçar um panorama introdutório sobre o porquê da entrada no “curso de História da Urca” e as razões a interessar-se especificamente pela licenciatura. Com o material coletado, ou seja, as respostas apresentadas por um total de 45 alunos, pensamos a possibilidade de agrupar esses sujeitos de acordo com desejos e perspectivas sobre a formação o que

desencadeou uma série de possibilidades interpretativas. A elaboração das questões, formas de aplicação e análise das respostas partiram de pesquisas dos autores presentes nesse trabalho, além do arbítrio do pesquisador.

Figura 2 - Agrupamento de graduandos de acordo com suas motivações para ingresso no curso de Licenciatura em História da Urca



Fonte: Elaboração dos autores, 2019.

ALGUMAS RESPOSTAS

Percebe-se assim, os inúmeros sentidos atribuídos por esses sujeitos a seu ingresso na vida acadêmica. Apesar de algumas motivações compartilhadas por alguns, serem bem semelhantes — o que possibilitou uma classificação em grupos — são diversas as especificidades dentro desses conjuntos. As mesmas se refletem através de anseios, possibilidades de mudança pessoal, ascensão social e profissional.

Na análise dessas respostas, consideramos descrever algumas que manifestem de forma significativa como esses estudantes se pensam enquanto graduandos a partir de seus valores e trajetórias. Por questões éticas, seguindo os ensinamentos de Nono (2011), se dará aqui nomes fictícios aos sujeitos dessa pesquisa.

A divisão em grupos, como demonstrada na figura 2, serviu, inicialmente, para o direcionamento da pesquisa, pois a diversidade de representações apreendidas nos

proporcionando a visualização de algumas particularidades a serem problematizadas e refletidas.

“Sempre gostei de estudar história”

Analisando o material colhido, ao que se refere ao *grupo A*, a afinidade com a disciplina História, emergida em meio a variadas situações, demonstra como um dos principais estímulos iniciais que os trouxeram alguns desses a cursar a licenciatura. Uma delas nos diz:

Sempre amei história pois me transporta a um universo não conhecido por mim. Ao longo da minha formação escolar sempre me encantou cada conteúdo aprendido, sem dúvida era minha matéria favorita. Foi um fator determinante para a escolha do curso (Maria, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

Na fala da estudante a preferência por entrar no curso se relaciona sobre tudo com prazer que a disciplina história pode proporcioná-la, seja por meio da importância de seus conteúdos ou pelas inúmeras curiosidades e viagens diante ao estudo do passado. Marc Bloch (2001) nos lembra que entre as virtudes que essa ciência carrega está o sentido do “divertimento” da “sedução”; o próprio gosto carregado sobre ela é apresentado pelo historiador como determinante para os rumos de sua escrita.

Embora esse prazer estivesse restrito por muito tempo nas torres de marfim a qual se encontravam os historiadores – destinando suas produções a uma elite cultural – é interessante notar como em meio a tantas mudanças sociais esse “gostar da história” foi se expandindo para o mundo público e pouco a pouco fazendo parte de nossas vivências cotidianas. Hoje essa “sedução” se dá através das escolas, de filmes, de séries, de documentários, de jogos, de páginas de redes sociais, que ao se valerem licenças poéticas diante determinados acontecimentos — intensificando ou amenizando um fato —, contribuem e exercem influência sobre interesses pessoais e ideológicos.⁹ Como lembra Bloch (2001) a história também carrega uma certa poesia e é isso que a transforma em sinônimo de prazer, atração.

Segundo Silva (2003, p. 12) “quando se fala em história como distração, diversão, sedução e prazer, não está, necessariamente, renunciando sua carga crítica, à capacidade que possui de aprofundar à (auto) compreensão dos homens”, pelo contrário, é a partir desse gosto pelo conhecer que algumas injustiças vão emergindo das sombras da caverna. Desse processo

⁹ Atualmente, estudos sobre o conceito de História Pública, trazem variadas problematizações acerca dos usos e abusos do conhecimento histórico nesses e em outros espaços.

as possibilidades de mudanças e compreensão das raízes das desigualdades, preconceitos e discriminações vão se transformando em lutas e resistências. Pouco a pouco os significados sobre os sentidos da história vão se estabelecendo.

O fator político que o país vive me incentivou a buscar respostas para que eu conseguisse expor minhas opiniões com base em algo sólido e foi com a história que consegui respostas e a ampliação das concepções que tinha, além de uma construção de uma visão mais crítica sobre todas as coisas que me fez me aproximar cada vez mais do curso propriamente dito. (Carlos, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urc, 2019).

Nessa mesma perspectiva, outro estudante além de evidenciar essa busca por compreender o atual cenário político brasileiro como estímulo importante para inserção no curso, traz outros diferentes fatores igualmente decisivos nesse processo:

Sempre gostei do Ensino de História e tive influência de amigos que cursaram história ou já cursaram. E de certa forma o atual cenário político me fez procurar na história entender o porquê de tanto retrocesso. Minhas primeiras opções foram áreas voltadas à saúde, mas por não ter dinheiro e não querer programas como o FIES, eu fui trabalhar numa fábrica. Vi de perto o quanto os trabalhadores sofrem para sobreviver e isso abriu minha mente para muitas coisas. Foi nesse tempo que fiz amizades com estudantes de História, que me ajudaram a organizar meus pensamentos e me trouxeram para estudar também. O curso pode (me possibilita) estudar, pensar, entender como funciona o sistema, a sociedade. Fazendo assim criar em mim o desejo de ajudar mais pessoas a saírem da caverna. (Francisco, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urc, 2019).

A comunhão entre essas e outras falas se estabelece quando esses sujeitos buscam através da história a explicação para uma realidade em que vivem, e para além disso, sua transformação. Parafraseando Bloch (2001), para quem serviria a história se não para os indivíduos ou para a sociedade? Completando o sentido, para que serviria a educação se não para possibilitar transformações e ações das situações de injustiças? (FREIRE, 1996).

A partir dessas falas, também, se percebe a contribuição que determinados acontecimentos ou personagens exercem decisivamente no despertar do gosto pela história. O fato de “ter uma historiadora na família”, “a mãe ser professora”, “buscar maiores engajamentos por lutas e direitos dentro de determinados grupos”, “estudando com um irmão”, “um antigo professor de história”, são apresentados, por exemplo, como alguns dos estímulos na tomada de decisões para a jornada universitária a qual seguiram:

Comecei a gostar de história quando estava terminando o ensino fundamental II por incentivo de um irmão, ele gostava muito de história, passou a me dar aulas em casa. Foi aí que percebi o quanto meu desempenho havia melhorado na escola e aos poucos estudar essa disciplina tornou-se algo prazeroso. No ensino médio, por influência de alguns professores, notei que tinha mais afinidade com a área de humanas. (Alma, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

Contudo, mesmo diante desses incentivos e apresso por parte desses graduandos em estudar história uma grande maioria não enxerga o curso como primeira opção e nem o magistério como carreira futura. Um deles, inclusive, diz querer um “total distanciamento da sala de aula”; o que não significa dizer que isso não possa acontecer. Os desfechos do trajeto formativo desses sujeitos podem ser decisivos para que esse interesse se desperte.

“Talvez, eu não queira permanecer aqui...”

Se por um lado esse prazer em estudar história se reflete como possibilidades de lutas, mudanças de caráter social e conhecimentos significativos, por outro a graduação em história pode se resumir a uma “etapa” ou “brecha” para outra graduação detentora de um melhor status. Para alguns estudantes o curso aqui analisado passa a adquirir um valor ou sentido “experencial” mediante a posteriores desafios que se desdobrarão mais à frente.

Como já apresentado, pelo menos 24% desses estudantes (*grupo B*) evidenciam em suas respostas esses objetivos como elementos motores para o ingresso no curso. Alguns deles ao revelarem os motivos da permanência no curso por meio de suas respostas acabam proporcionando outras possibilidades de interpretação sobre o significado que atribuem a uma graduação:

Queria cursar administração e não consegui então fiz o vestibular da Urca para história e passei, antes eu conhecia muitas pessoas que falavam muito bem do ensino da Urca então fui muito influenciado a estudar nessa universidade. Não tenho muitas perspectivas em relação ao curso de história por que não tenho certeza se vou continuar no curso.
Não tenho certeza se irei licenciar por que pretendo fazer o concurso da polícia federal ou outro concurso. (Francisco, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019)

A partir dessas indecisões sobre um a carreira futura, que se deslocam de um curso de administração a uma possível estabilidade adquirida possivelmente por concursos públicos, o magistério acaba ganhando o sentido de “se nada der certo... é o que temos”.

Partindo desta perspectiva o curso de licenciatura de História da Urca acaba se revertendo para alguns desses graduandos em uma espécie de cano de escape diante aos desejos não realizados ou como uma forma de adaptação ao desconhecido ambiente universitário:

O curso me oferta um arsenal imenso de conhecimento, estando aqui consigo enxergar com outros olhos a universidade, os estudos isso conseguintemente poderá me ajudar na minha primeira opção de curso, Direito. Estar aqui é uma etapa do meu processo de amadurecimento. (Mario, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019)

Além do fator adaptativo um elemento interessante a se retirar dessa afirmação está no desejo que esse estudante tem em cursar, ocasionalmente, um bacharelado em direito. Não se trata apenas de uma aspiração particular. Dentre as áreas de formação pretendida por esse grupo (B), outros estudantes buscam no curso de história o que chamam de “aproveitamento de cadeira” para cursar um bacharelado em direito: “Não foi minha primeira opção [o curso de história], quero cursar direito na URCA. Mais conhecimento e aproveitamento de cadeira”. (Jaime, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

Respostas similares a essa são apresentadas por outros dois estudantes, contudo, de forma particular, esses correlacionam a realização do processo seletivo pelo qual o trouxe ao curso de história a um pensamento tático e estratégico: “Era um modo mais fácil de aproveitar as cadeiras de direito, e de certa forma conhecer a prova e a faculdade, já que é minha primeira vez na faculdade” (Josefa, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).¹⁰

O outro nos apresenta a seguinte situação: “Analisei os cursos da URCA que tem uma baixa concorrência e dentre esses vi o que me encaixava melhor, o que eu mais gostava e então decidi prestar o vestibular pra história.” (Damião, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

¹⁰ Desde o processo seletivo unificado 2014.2 o curso de bacharelado em direito ofertado pela URCA se expressa como a área que mais recebe números de inscritos dentre todos os cursos ofertados pela universidade. Nesse período o número de inscrições varia entre 600 a 1000 inscrições. Vale ressaltar que foi somente no ano de 2018 que a universidade passou a adotar as políticas afirmativas.

A partir daqui é possível ver outras possibilidades interpretativas: até onde esses testemunhos refletem a realidade social desses sujeitos? Não poderiam, simplesmente, esperar uma próxima oportunidade?

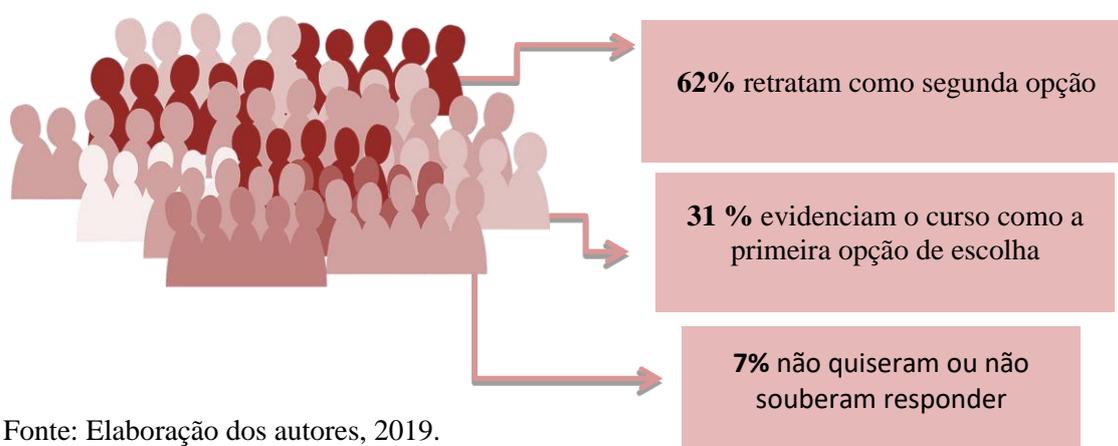
Minha primeira opção era psicologia, consegui passar no vestibular da Unileão, mas, por motivos financeiros não pude fazer parte. O curso pode me ajudar a conseguir alcançar meu objetivo, contribuindo na minha formação docente. (Cristiane, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019)

Como nos lembra Ristoff (2014, p. 743) “A origem social e a situação econômica da família do estudante é, sem dúvida, um fator determinante na trajetória do jovem brasileiro pela educação superior”, e ao que se refere aos estudantes pertencentes a uma classe social menos favorecidas, tanto esses trajetos como as permanências em um curso universitário pode possuir variados sentidos como, por exemplo, uma possibilidade para não “ficar parado”, alternativa possível diante das cobranças familiares e pessoais sobre o futuro, ou até mesmo uma “opção” mais viável de acordo com as possibilidades monetárias de cada um. É deste contexto, que na maioria das vezes, as licenciaturas se transformam nesses “caminhos alternativos”. Contudo essa direção também pode se reverter em alguns riscos.

Stern (1966) conforme citado por Almeida e colaboradores (2005) coloca em evidência a expressão “*freshman myth*” que em uma tradução para o português quer dizer “mito de calouro”. Essa locução é usada para descrever o idealismo, otimismo e confiança carregado por muitos estudantes ao iniciarem a graduação. Acontece que muitas dessas expectativas positivas, já expressadas podem não ser atingidas e conseqüentemente podem se reverter em sentimentos de insatisfação e até mesmo de desistências.

Os casos apresentados até aqui, apesar das diferentes motivações carregadas por estes dois agrupamentos de estudantes, compartilham uma mesma semelhança: para uma quase total maioria o fato de estarem no curso em questão é retratado como uma segunda opção devido a ausência de sucesso em outras áreas de formação desejadas. No grupo B a proposição é uma unanimidade, já no A apenas dois desses estudantes responderam se tratar de uma primeira escolha. Referente as respostas de todos os graduandos que participaram do questionário, se foi possível estabelecer um seguinte panorama:

Figura 4 - Percentual de predileção dos entrevistados em relação ao curso de licenciatura em História da Urca



Fonte: Elaboração dos autores, 2019.

Nota-se que mais da metade desses graduandos não demonstram está no curso como primeira opção, esse desejo é preenchido por diversas áreas que variam entre o campo das humanidades e entre outra diversidade de cursos como enfermagem, fisioterapia, psicologia, sistema de informação, além de carreiras profissionais como policial militar.

Para Almeida & Cruz (2010) esse insucesso em conseguir uma vaga naquilo que se deseja pode se reverter em outras implicações como a diminuição de expectativas dos sujeitos sobre sua atual formação (de caráter ocupacional), falta de estímulo diante exigências acadêmicas (leitura de texto, participação em eventos etc.), implicações cognitivas e comportamentais, além das interferências no âmbito afetivo desses estudantes.¹¹ No entanto alguns fatores emocionais podem também ser decisivos para estabelecer aproximações, afinidades e sentidos a uma graduação, mesmo não se tratando daquilo que se pretendia:

Minha primeira opção foi direito, tentei duas vezes, mas como não estava me preparando não consegui a vaga. Já estava a cinco anos sem estudar e então me preparei e fiz o vestibular para história. Sempre me identifiquei muito com o curso, principalmente com a área medieval [conteúdos, assuntos etc.], porém não foi minha primeira opção, mas estou gostando muito do curso o pessoal da história é muito unido, não só minha sala, mas por em geral. (Luiz, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

¹¹ Outros trabalhos abordam esses e outros tema por variadas perspectivas: Alarcão (2000), Brites et al (2010), Ferreira, Almeida & Soares (2001); Rosário et al (2001); Soares & Almeida (2001); Taveira (2000); Tavares & Huet (2010); Correia, Gonçalves, Pile (2003).

Apesar disso, essa consideração acima também pode se reverter em outras possibilidades interpretativas como, por exemplo, a chance desse e outros sujeitos buscarem em um nível simbólico uma compensação do desejo de estar em um curso superior. Ou seja, atribuem a essa “segunda opção” a alternativa de realização dessa aspiração, diante da adversidade de não ter conseguido ingressar em outro curso inicialmente pretendido. Pouco a pouco a graduação a qual estão situados passa a tomar um outro sentido.

A partir desses casos é possível perceber a existência de uma grande variedade de motivações apresentadas por esses graduandos, seja como formas de atribuições sentimentais, compensações de um desejo não realizado ou até mesmo como uma forma de aplicação estratégica usada como apoio ou “ajuda” a uma futura cobiça.

“Que eu possa concluir o curso e me tornar professor”

Como mostramos anteriormente 35% dos estudantes entrevistados (*grupo C*) deixam a entender por meio de suas respostas que querem ser professores, além disso, mais da metade desses demonstram está no curso como primeira opção.¹² Alguns, embora já tenham cursado outras áreas, vem no curso em questão uma possibilidade de realizar “um sonho antigo”, “tentativa de se encontrar” na profissão que já exerce, tentar seguir a carreira acadêmica enquanto professor universitário entre tantas outras atribuições. Mas o que leva esses estudantes a interessar-se pela profissão docente?

A resposta para essa dúvida é apresentada por alguns desses sujeitos através de representações bem simples como, por exemplo, a possibilidade de transmitir conhecimentos, por gostar de ensinar ou admiração pelo ofício de professor. Em outros casos são apresentados uma variedade de sentidos:

Desde criança eu sempre gostei de história, antes eu queria muito me tornar professor da área (foi a primeira profissão que eu quis e eu ainda era criança). Particularmente sempre gostei da história antiga e também das questões arqueológicas e paleontológicas. (Ramon, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019)

Aqui alguns valores sentimentais são percebidos junto a essa tomada de decisões, seja pela sedução que esse aluno tem em relação as afinidades com alguns temas da disciplina

¹² Inclusive dos 14 alunos que evidenciam o curso como a primeira opção de escolha (31 %), 10 deles encontra-se no grupo que possibilita a docência como carreira o que representa 71% desses 14 estudantes.

História ou o fato dessa profissão ser representada em sua vida desde infância. Em outros casos esses sentimentos se revertem em outras possibilidades de caráter mais pessoal:

Terminei o ensino médio a oito anos, sou mãe de gêmeas de cinco anos, e elas, minhas filhas foram a maior motivação para dar continuidade aos meus estudos e a vontade que eu sempre tive de voltar para sala de aula, agora com o intuito de ser professora logo mais (Renata, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019)

Sobre essa fala é bom recordar alguns ensinamentos da historiadora e também professora Sandra Jatahy Pesavento, que, ao longo de sua trajetória de estudos, propõe pelo estudo das *sensibilidades* vias para compreensão, entendimento e significados das ações e da própria realidade. Para ela, as sensibilidades competem a uma “espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos, que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais” (PESAVENTO 2005). De uma forma geral

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo (PESAVENTO, 2005).

Nesse sentido presume-se que as sensibilidades — que também são formas de apreensão e de conhecimento do mundo (PESAVENTO, 2007) — contribuem decisivamente para essa tomada de decisão e desejo de torna-se professor. Silva e colaboradores (2014) ainda ressaltam que é a partir dessas afetividades que umas posturas críticas, sobre vários componentes da vida cotidiana, vão inicialmente se construindo. Outros estudantes também direcionam a esses valores sentimentais um importante caminho e decisivo em suas escolhas:

Minha vida sempre esteve permeada pela figura da escola. Ao longo do Ensino Médio pude perceber que esse ambiente é o qual identifiquei-me profundamente. A licenciatura em história alia partes complementares a mim e a minha personalidade, por isso a escolhi. (Fátima, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019)

Essa estudante apresenta como fundamentais para essa identificação a afinidade com a área, a influência exercida pelos seus pais, a proximidade da Universidade a sua cidade e alguns antigos professores.

É importante destacar que um significativo fator apreendido na maioria das respostas dos estudantes que desejam seguir a carreira enquanto docente se encontra na figura de um “antigo professor de história”: “Eu tive um professor no Ensino médio que me fez ver a história com outros olhos, perguntas e questionamentos de visão de mundo o que me levou a escolher esse curso fantástico” (Daiane, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

O fato de muitos desses estudantes “adorarem as aulas de história” ou demonstrarem apresso pela disciplina tem um motivo desencadeador dessa possibilidade de seguir, seja a profissão docente ou uma carreira de pesquisador; isso nos possibilita perceber que para além da figura do professor está o papel desempenhado pela escola na promoção do conhecimento.

Nesse espaço, os filmes e as séries que nos empolgam, os relatos dos familiares, as experiências pessoais e as expressões artísticas em geral se combinam para produzir uma história maior da qual fazemos parte. Logo as aulas vão se revertendo em aprendizado, como também continuidade da própria vida (ANDRADE. E; ANDRADE. N; 2016): “Sempre gostei da disciplina história, tinha convicção que queria ser professor, porém não sabia em que área de atuação. Com o passar do tempo, exatamente no primeiro ano do Ensino Médio, tive a certeza que queria a história”. (Alfredo, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

No entanto esse processo de encontrar-se no curso ou consigo mesmo, para alguns, pode ser mais demorado:

Na primeira vez que fiz (cursei) foi no calor da adolescência, todos os amigos fazendo vestibular e tinha muita simpatia a história. Tranquei, achei que não era o que queria. Mas depois de 10 anos retornei pois senti a necessidade de concluir o curso, notei que realmente era o que queria, me deparei lendo e vendo diariamente fatos que era do meu curso. Voltei e estou satisfeita. (Andreia, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

Como nos lembra Berdie (2005) conforme citado por Almeida e colaboradores (2005) algumas expectativas ou idealismos carregados por alguns estudantes ao ingressarem no ensino superior tendem a se desfazer ao longo do primeiro ano quando se há uma desarmonia sobre o que imaginavam e a realidade vivenciada na academia. No entanto, outros fatores devem ser considerados como, por exemplo, o confronto desses graduandos com o próprio ambiente acadêmico que, muitas vezes desconhecido, se reverte em choques violentos e pouco promotores de integração (ALMEIDA & CRUZ, 2010). Nesse sentido, por parte das

universidades ou dos próprios cursos vale indagar se esses fatores já são considerados em suas políticas formativas.

De uma forma geral, esses estudantes que evidenciam seguir a carreira docente apresentam motivações pertinentes sobre o que querem e o que buscam na graduação a qual estão cursando. Embora, alguns deles, demonstrem certos receios sobre o desenrolar do processo formativo. Outros, porém, já demonstram objetivos para uma eventual posterioridade em sala de aula: “[minhas expectativas é] que eu possa concluir o curso e me tornar uma professora para no futuro outros alunos tenham interesse em fazer história” (Fátima, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

Uma outra relata o seguinte: “Tenho a expectativa de um dia me tornar uma professora de ensino superior, fazer projetos na área da política e direito das mulheres e participar de movimentos sociais em defesa da classe operária” (Nádia, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

Levando em consideração o atual contexto político e social a qual esses graduandos estão inseridos, podemos concluir que são motivações revigorantes e esperançosas. O atual ataque a instituições de ensino básico, superior e classe do professorado nesse fim de década em âmbito nacional seria um motivo deveras justificável para colocações de desesperança por parte desses estudantes em relação a profissão docente. No entanto alguns desses estudantes no dizem o seguinte: “que ele [o curso] contribua para minha formação profissional, me moldando um indivíduo mais crítico e capaz de levar o conhecimento da história a meus alunos de maneira sedutora e clara” (Giovana, estudante do primeiro semestre do curso de Licenciatura em História da Urca, 2019).

Embora haja uma tendência atual de classificação de professores enquanto “doutrinadores” ou sujeitos subversivos de uma “moral familiar” (GIROTTI, 2016) as motivações que alguns destes graduandos apresentam se revertem assim no que Paulo Freire denomina de esperança:

A desesperança é a negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável a existência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde a tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da história. (FREIRE, 1996, p. 80-81)

E qual seria a função de um professor de História se não despertar em seus alunos a esperança de que a mudança possível? Concordando com Everardo de Andrade e Nivea

Andrade (2016, p.183) o professor de história atua como provocador de conhecimentos. Esse processo vai desestabilizando preconceitos, provocando questionamentos, ampliando significados, estimulando diálogos e confrontando de ideias. Talvez seja isso que tanto assusta alguns sujeitos.

UMA POSSÍVEL CONCLUSÃO...

A partir dessas intenções, razões e perspectivas atribuídas pelos graduandos em suas respostas nos questionários, sobre o que motiva e/ou significa o ingresso no curso de História da Urca para os discentes do primeiro semestre das turmas 2018.2, nos fez compreender que, muito mais que uma “opção” ou simplesmente um “querer”, estar em um curso de licenciatura representa para alguns desses sujeitos uma oportunidade mais acessível ao ingresso no ensino superior, mesmo não sendo aquilo que desejam para uma carreira profissional.

Da mesma forma, constatamos que mesmo estando em um curso de formação para professores, menos da metade dos participantes da pesquisa visualizam à docência como uma carreira profissional. Outras profissões liberais “pouco trabalhosas” e “mais rentáveis” como Direito e Medicina Veterinária são almejadas em um futuro próximo. Estar no curso em questão, para alguns deles, é apenas “uma etapa” para se conseguir aquilo que se almeja; é também “uma experiência adaptativa” para se adequar ao ambiente universitário. Para outros, além de representar a realização de um sonho em cursar uma graduação diante da falta de oportunidades e dificuldades econômicas, também se transfigura em possibilidade de mudança, seja ela social ou financeira.

Um ponto pertinente também apreendido no que se referente aos estudantes que evidenciam em suas respostas seguir a carreira na docência, é que, mesmo num cenário desfavorável, cercado por intimidação sobre a profissão professor em consequência dos inúmeros ataques a educação pública vivenciados no atual cenário político e social brasileiro, alguns deles apresentam motivações carregadas por ânimo e esperança sobre a docência.

Tendo como espelho essas motivações e desejos apresentados até aqui, organizemos duas torcidas: uma, para que esses estudantes não percam a motivação para realização de seus sonhos e outra, para que, caso não consigam (pois pode acontecer), continuem buscando através das experiências e vivências no curso a qual ingressaram a possibilidade de se encontrarem enquanto bons profissionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S., & CRUZ, J. F. A. Transição e Adaptação Acadêmica: reflexões em torno dos alunos do 1.o ano da Universidade do Minho. In: **Ensino superior em mudança: Tensões e possibilidades**. Congresso Ibérico. Braga, p. 429 – 439, 2010. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11543/1/Transi%C3%A7%C3%A3o%20e%20Adapta%C3%A7%C3%A3o%20Acad%C3%A9mica.pdf>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2019.

ALMEIDA, Leonardo Santos et al. Percursos e expectativas de estudantes universitários: estudo com alunos do 1º ano da Universidade do Minho. In: MEDEIROS, Teresa; PEIXOTO, Ermelindo (Org.). **Actas do Congresso Internacional Desenvolvimento e Aprendizagem: do ensino secundário ao ensino superior**. Ponta Delgada: Universidade do Açores, p. 237-251. 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/12060>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2019.

ANDRADE, Everaldo Paiva; ANDRADE, Nivea Andrade. História Pública e educação: tecendo uma conversa, experimentando uma textura. In: MAUAD, Ana Maria; DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**, São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 174-184.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). **Censo da educação superior: 2016 – Apresentação**. Brasília: INEP/MEC, 2009. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2016/apresentacao_censo_educacao_superior.pdf. Acesso 13 de dezembro de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROTTI, Eduardo. Um ponto na rede: o “escola sem partido” no contexto da escola do pensamento único. In. AÇÃO EDUCATIVA (Org.). **A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa. 2016, p. 69-76.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

Nono, M. A. **Professores iniciantes e o papel da escola em sua formação**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [en ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso em: 29 fevereiro de 2019.

PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades: escrita e leitura da Alma. In: PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na história: memória singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: EdFGRS, 2007, p. 9-22.

PORTAL IEDE - Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional. **O perfil dos jovens que esperam ser professores**. São Paulo, 2018. 17 p. Disponível em: http://www.portaliede.com.br/wp-content/uploads/2018/04/Estudo-do-Iede_O-perfil-dos-jovens-que-esperam-ser-professores.pdf. Acesso em 14 de novembro de 2018.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: Uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014.

SILVA, Fabrícia Gomes da, Et al. Autoconhecimento, afetividade e formação de professores. In: NUNES, Cícera; Et al. **Dialogando com saberes da docência**: pesquisas, teorias e práticas. V.1. Recife: Liceu, 2014.

SILVA, Marco da. O prazer da História. In: SILVA, Marco da. **História**: o prazer em ensino e pesquisa. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 11- 21.